

A RESSIGNIFICAÇÃO DE VALORES E PAPÉIS DE GÊNERO NO CONTO “COMO TE EXTRAÑO, CLARA” DE NATÁLIA BORGES POLESSO

*Caio Victor Lima Cavalcanti Leite*¹

*Orientadora: Ângela Maria Dias de Brito Gomes*²

Mestrando

RESUMO: A presente pesquisa pretende realizar, através de uma análise bibliográfica de natureza qualitativa, uma investigação temática a respeito de questões de identidade, gênero e valores do sujeito a partir de uma amostragem representativa das personagens femininas do conto “Como Te Extraño, Clara” presente na obra *Amora* de Natália Borges Polessos. Portanto, busca-se compreender de que maneira os valores e papéis de gênero são reconstruídos ou ressignificados a partir das ações das personagens da narrativa. Por apresentar seres que desafiam e questionam os papéis de gênero impostos pela sociedade, o conto corpus deste projeto acaba por apresentar personagens condizentes com o tempo e espaço em que se inserem. Além disso, tal pesquisa proporcionará uma reflexão acerca da presença da temática da homossexualidade feminina no conto, o que, por si só, já demonstra sua importância por ampliar um esboço crítico referente à literatura LGBT produzida por escritores brasileiros. Portanto, sua relevância consiste na compreensão do texto literário, enquanto fenômeno artístico-ficcional, capaz de exprimir diálogos com debates e mudanças ocorridos em perspectiva individual e coletiva da sociedade pós-moderna. Têm-se como parte do referencial teórico os textos de Stuart Hall (1998); Judith Butler (2010) e Maria da Glória Bordini (2006), os quais contribuem definitivamente para que se compreendam as questões abordadas no presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, gênero, sexualidade, identidade.

¹ Mestrando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: caaio_cavalcanti@yahoo.com.br

² Professora Titular de Literatura Brasileira e Literatura Comparada da UFF, ensaísta, crítica literária e pesquisadora do CNPq.

ABSTRACT: The current research aims to realize, through a bibliographical analysis of qualitative nature, a thematic investigation about questions of identity, gender and values of the subject from a representative sample of the female characters from the tale “Como te extraño, Clara” present in Natália Borges Polezzo’s book: *Amora*. Therefore, the goal is understand in which way the values and gender roles are rebuilt or receive another meaning throughout the actions of the narrative characters. By presenting beings who challenge and question gender roles on their own, the corpus tale of this project ends up presenting characters with the time and space in which they fit. In addition, such research provided a reflection on the presence of the issue of female homosexuality without tale, because, in itself, it already demonstrates its importance by expanding a critical critic referring to LGBT literature produced by Brazilian writers. Therefore, its relevance consists in the understanding of the literary text, as an artistic-fictional phenomenon, capable of expressing dialogues with debates and changes occurred in individual and collective perspective of postmodern society. They are as part of the theoretical reference of the texts of Stuart Hall (1998); Judith Butler (2010) and Maria da Gloria Bordini (2006), who definitely contribute to their understanding as issues addressed in this paper.

KEYWORDS: literature; gender; sexuality; identity.

Introdução

“Como Te Extraño, Clara” está presente na coletânea de contos *Amora*, de Natália Borges Polezzo. Lançado originalmente em 2015, o livro contém vinte e sete contos longos e seis mais curtos presentes nas últimas páginas que apresentam personagens femininas como protagonistas e principais vozes da narrativa que é configurada como simultânea ao desenrolar do enredo.

A grande temática norteadora dos contos é a representação do desejo lésbico ou homossexualidade feminina, sendo assim, suas personagens, embora apresentem perfis divergentes e complexos, tem em comum o fato de vivenciarem tal experiência.

É interessante salientar que o ponto de vista narrativo é onisciente seletivo, pois, observa-se um narrador completamente solidário à protagonista, conforme será observado no decorrer desta análise.

O enredo do conto apresenta Fernanda como professora no curso de Engenharia Civil, e casada com Eduardo, relação que gerou um filho, Rafael. Fernanda, entretanto, nutre uma relação amorosa extraconjugal com sua aluna, Clara, caso que acaba por ser desvendado pelo marido que lê as mensagens entre as duas após a protagonista sofrer um acidente de carro que lhe ocasionou uma ida ao hospital. Decepcionado e, assim como Fernanda, insatisfeito com o

casamento, Eduardo sai de casa, abandonando sua família e deixando a protagonista um tanto atordoada e incerta acerca de seu futuro com sua amante.

Sabe-se que, historicamente, na literatura brasileira, e até mesmo na literatura produzida por latino-americanos como um todo, esse tipo de escrita categorizada como LGBT encontra certa resistência, justificada por Bailey:

A razão para a suposta ausência dessa tradição é o tabu que ainda cerca as relações homossexuais na América Latina, e a conseqüente censura e autocensura que impediriam a expressão do lesbianismo na literatura de mulheres. Por um lado, tratar de personagens lesbianos e do desejo homossexual entre mulheres poderia levar identificação dessas escritoras como lésbicas; por outro, uma literatura que desse expressão livre ao erotismo lesbiano seria rapidamente tachada de pornográfica, ambos rótulos indesejáveis dentro do contexto latino-americano. (1999, p. 405)

Entretanto, uma nova realidade parece se configurar a respeito da disseminação e presença desses textos no contexto da literatura brasileira contemporânea. Escritoras como Natália Borges Polesso têm trazido para dentro do terreno da literatura, narrativas que, claramente, enunciam um sujeito feminino o qual assume uma postura de protagonismo e expressa abertamente o desejo lésbico, pois

[...] o sujeito lesbiano foge a definição aceita de "feminino", rompe radicalmente com os padrões de gênero estabelecidos, ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transcrição de valores econômicos e ideológicos. (BAILEY, 1999, p. 406).

Polesso assume, assim, uma postura de combate em relação aos tabus citados por Bailey (1999) ao se identificar como escritora feminina assumidamente lésbica que traz à tona personagens femininas protagonistas as quais expressam abertamente suas subjetividades. Suas personagens são bem resolvidas e extremamente complexas. Contudo, a escritora opta por não apropriar-se de um discurso pornográfico para realizar tal tarefa, o que, necessariamente, não a impede de utilizar o erotismo como elemento constitutivo da narrativa em alguns de seus contos.

É papel deste artigo analisar a presença desses sujeitos femininos assumindo uma postura dominante na prática social que culmina na ressignificação de papéis de gênero a

partir da narrativa de Natália Borges Polezzo, utilizando suas personagens femininas como amostragens representativas.

Compreendendo gênero, seus papéis e representação na narrativa

O conceito de gênero tem sido frequentemente atrelado às relações de poder que possibilitaram criar, ao longo da história, uma hierarquia na qual o homem se impôs em relação ao sujeito feminino, criando o que se conhece por sociedade patriarcal. Importante pesquisadora do assunto, a francesa Joan Scott (1990) conceitua gênero como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (p. 86). Em sua análise, Scott acrescenta que o gênero pode ser visto, portanto, como decodificador das relações sociais de poder.

Tal afirmação é ratificada por Pierre Bourdieu (2010) ao entender que “[...] o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.” O que acaba por assegurar e potencializar a dominação dos homens sobre as mulheres num mundo notadamente marcado pela desigualdade de gênero.

Judith Butler em seus estudos sobre as questões de gênero, afirma que este faz parte de uma categoria culturalmente construída de forma equivocada, já que é necessário que se estabeleça uma diferenciação entre esse e o sexo biológico:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuada, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. [...] a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. (2017, p. 28)

Portanto, é necessário que se perceba o gênero como artifício construído socialmente a partir das características biológicas do indivíduo usadas como justificativa para legitimar o estabelecimento das relações de poder originando a desigualdade secular entre homens e mulheres. Sendo assim, “As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não

nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.” (Louro, 1997, p.23)

É importante salientar, portanto, que as representações sociais do ser masculino e do ser feminino precisam ser reexaminadas e ressignificadas para que a luta contra a desigualdade de gênero atinja seus propósitos, tendo consciência de que “[...] as representações sociais envolvem os indivíduos com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente elaborados e introjetados, ou transmitidos pela comunicação social.” (Jodelet, 2001. p. 22).

Na sociedade ocidental pós-moderna³, ou como Bauman (2001) costuma chamar, “modernidade líquida”, já se verificam certas mudanças de pensamento e comportamento, descentralização de poderes, quebra de estereótipos e barreiras, além da presença de fortes movimentos sociais, que munidos de aparato teórico, questionam e criticam o que há de mais opressivo e hierárquico em sociedade. Esses grupos minoritários vêm assumindo forma consistente e tendo voz, num mundo onde o sujeito tem se tornado, aos poucos, livre, o que culmina na gradual quebra de barreiras em relação à desigualdade de gêneros, por exemplo, com a presença cada vez mais visível do Movimento Feminista e Pós-Feminista.

As personagens femininas da narrativa dialogam com esse sujeito feminino pós-moderno que subverte e ressignifica os valores e papéis atribuídos à figura da mulher pelo patriarcalismo, sendo assim, as construções e configurações dessa personagem tipicamente pós-moderna podem ser entendidas como,

[...] representações culturalmente orientadas, dando existência – verbal, no caso da literatura – a sujeitos com experiências de privação, preconceito, opressão, crueldade ou vacuidade. À diferença dos heróis tradicionais, ou dos anti-heróis modernos, esses sujeitos mal conseguem atravessar as situações ou os eventos que os constituem no que são. Há uma sensação de perplexidade, desorientação e inacabamento em suas trajetórias, caracterizadas pela errância, que nem a perspectiva da finitude resolve, [...]. (BORDINI, 2006, p. 141).

³ O termo pós-moderno utilizado aqui faz referência à pós-modernidade “como um fenômeno geral, [...] que implica uma série de transformações no panorama cultural ocidental.” (GINSBURG; BARBOSA, 2005, p. 33).

Sendo a personagem elemento constitutivo do texto literário, é interessante que se perceba esta como capaz de exprimir os anseios, questionamentos, lutas e demais comportamentos do indivíduo pós-moderno,

[...] assim, a personagem atualmente pode ser examinada não apenas como imagem do homem ou puro ser de linguagem, mas projeta-se como o lugar de identificação para o leitor, em que todos os problemas da contemporaneidade convergem – sem ter solução. (BORDINI, 2006, 142).

Fernanda e Clara, apesar de vivenciarem realidades diferentes, são exemplos de personagens femininas que se encontram nesse lugar reservado ao sujeito pós-moderno, não apenas pela expressão de suas orientações sexuais, também por superarem certas regras de comportamento, desestabilizarem valores e padrões de gênero. Essas atitudes de subversão e rebeldia culminam na intriga da narrativa: o divórcio entre Fernanda e Eduardo. Um exemplo claro de subversão é o fato de a protagonista, Fernanda, ser uma mulher bem sucedida em sua profissão como professora universitária de Engenharia Civil, visto que,

[...] uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição é, sem sombra de dúvidas, o aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas, [...] levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de vendas de serviços simbólicos. (BOURDIEU, 2011, p. 108)

Contudo, é importante destacar que, por outro lado, sendo Fernanda uma mulher que constituiu uma família e consumou um casamento não tão desejado, verifica-se um exemplo de comportamento paradoxal e consequente manutenção da esfera de poder de uma sociedade de padrão tradicional através de tais contextos, pois “é, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas;” (BOURDIEU, 2011, p. 103).

Portanto, essa dualidade que marca a personagem, caracteriza um típico comportamento do sujeito pós-moderno, que se encontra dividido e fragmentado entre seus vários papéis sociais, fenômeno conceituado por Stuart Hall (1998) como “crise de identidade”:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1998, p. 07)

Tal questão é expressa abertamente na narrativa no momento em que Fernanda, em um momento de reflexão acerca de sua vida, suas relações com o outro, demonstra certa fragilidade e desordem de pensamentos:

Fernanda fechou os olhos e deixou que o pulmão se enchesse. Enquanto o ar mexia nos pensamentos que se dispunham no seu peito e na sua cabeça, ela tentava organizar, de alguma maneira que fizesse sentido, os últimos eventos de sua vida. Porém nada parecia querer tomar um lugar próprio, um lugar onde o peso não fosse incômodo ou não arrastasse o andar dos demais lances do destino. Sua vida tinha chegado a um ponto nevrálgico, a um nó tão enrolado que só se resolveria se cortado, desatar não era uma opção. (POLESSO, 2015, p. 123).

Fica claro que Fernanda é uma demonstração desse indivíduo que mantém-se preso, ora aos valores e estruturas sociais essencialmente tradicionais, ora aos diversos atos subversivos e de contestação do indivíduo pós-moderno que, fragmentado, se põe a repensar as organizações sociais e suas estratificações e termina perdido em meio a tantas mudanças. Tal excerto expressa a solidariedade desse narrador onisciente para com os diversos conflitos os quais a personagem se depara.

A existência lésbica em Como Te Extraño, Clara

Fernanda e Clara são as únicas personagens femininas do conto e a relação entre as duas já começa a ser delineada nas primeiras páginas da narrativa:

[...] As duas se conheceram no curso de Engenharia civil; Fernanda, professora; Clara, aluna. Não era uma aluna exemplar, mas um tipo de pessoa cativante. Clara trabalhava num dos cafés da universidade.

- Sempre te via naquele prédio, queria trabalhar lá.
- Que azar o meu, não ser professora de automação industrial.

- Azar mesmo, podia ter me evitado o trabalho de passar em engenharia só pra te conhecer.
- Mas você é muito abusada.
- Agora que tu notou?
- **Por falar em abusada, acho que precisamos manear em algumas coisas na faculdade, as pessoas podem perceber. Não sei, acho até que já estão desconfiadas.** (POLESSO, 2015, p. 121, grifo nosso).

Observa-se que o narrador opta pelo uso de ambiguidade como recurso linguístico no trecho grifado com a provável intenção de induzir o leitor à curiosidade acerca da relação entre as duas personagens. A relação amorosa entre as duas é confirmada algumas linhas depois quando Fernanda revisita em sua memória um momento de intimidade entre elas em que se beijam.

A reação da personagem no excerto grifado acima é justificada mais tarde na narrativa: “Quinta é o único dia que Rafael tem reforço escolar no turno da tarde e que Eduardo almoça com os colegas de trabalho, então, ao meio-dia, a casa está vazia e ela pode ficar com Clara. Filho e marido fora, e a casa é delas.” (POLESSO, 2015, p. 123).

Nutrindo uma relação extraconjugal com outra mulher, Fernanda representa um sujeito feminino que redimensiona os valores e ideais pré-concebidos por uma sociedade tipicamente patriarcal e de orientação exclusivamente heterossexual, o que Adrienne Rich chama de Heterossexualidade Compulsória, conforme segue:

[...] as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios. O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina. (2010, p. 26).

Fernanda é um claro exemplo de ser feminino que sofre com o peso da existência da heterossexualidade compulsória em sua vida, já que a própria personagem expressa frustração ao se deparar com sua situação em dado momento de reflexão:

Sorriu deixando um pouco de ar escapar pelo canto da boca, porque se sentiu meio ridícula querendo provar para si mesma que podia estar vivendo aquela

situação com argumentos tão obviamente construídos, sem nenhuma importância para ela de verdade. **Amava Clara. Tinha se apaixonado. Eduardo era apenas a sombra de uma vida que ela teimava em manter.** (POLESSO, 2015, p. 124, grifos nossos).

A questão do matrimônio como destino do sujeito feminino já havia sido discutida por Beauvoir em seu clássico *O Segundo Sexo* (2016), ao afirmar que, embora com o advento do movimento Feminista no seio da sociedade ocidental, o casamento ainda é a principal instituição à qual a mulher deve pertencer, “sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição.” (p. 185).

A presença da temática do adultério expressa um discurso subversivo e transgressor na narrativa. Fernanda é mãe, esposa, cumpre com todas as tarefas socialmente impostas enquanto indivíduo feminino, porém, não se sente confortável e, portanto, insatisfeita, acaba vivendo uma realidade paralela que, ao mesmo tempo em que lhe deixa confusa e assustada, lhe abre a possibilidade de vivenciar um novo universo de experiências.

Essas duas realidades a que a personagem é submetida, ilustram a presença do que Rich chama de “a mentira de heterossexualidade compulsória”, que:

[...] Cria, especificamente, uma profunda falsidade, hipocrisia e histeria no diálogo heterossexual, [...] Essa mentira coloca um sem-número de mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, uma vez que elas não podem olhar para além do parâmetro do que é aceitável. Ela absorve a energia de tais mulheres e drena até mesmo a energia das lésbicas “no armário” – a energia exaurida em uma vida dupla. A lésbica que está presa “no armário”, a ideia que está aprisionada por ideias prescritivas do que é “normal” compartilha as dores das alternativas não alcançadas, das conexões rompidas, do acesso perdido à sua autodefinição de modo livre e poderosamente assumido. (2010, p. 41)

Na contramão da personagem citada acima, Clara demonstra maior segurança e naturalidade no que tange à aceitação de sua condição como sujeito que expressa abertamente o desejo lésbico. Tal postura pode ser percebida no excerto a seguir: “Clara disse que amava Fernanda, e Fernanda respondeu: - Eu também te amo, Clara. - Então, larga o teu marido e fica comigo.” (POLESSO, 2015, p. 123).

É nítido a partir da fala de Clara uma postura de expressa liberdade de pensamentos ao sugerir à sua amada que se separe do marido para assumir socialmente a relação entre as duas. Tal comportamento situa a personagem como indivíduo que afirma sua sexualidade, reforçando aquilo que Adrienne Rich chama de “ato de resistência”:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. (2010, p. 36).

Outro momento de naturalização da experiência lésbica na narrativa é o quando, no contexto pós-separação entre Fernanda e seu marido, o filho fruto do relacionamento entre os dois, Rafael, reage de forma surpreendente à relação da mãe com Clara: “Nessa mesma terça-feira, Rafael perguntará para a mãe como será a partir daquele momento e se a Clara irá morar com eles. Fernanda demorará em tirar algum sentido daquilo, e ele tentará explicar dizendo a Clara, mãe, sua namorada, com uma naturalidade anormal.” (POLESSO, 2015, p. 130).

Tem-se no desenlace da narrativa, o ápice da concretização da ressignificação dos papéis e valores de gênero quando o divórcio provoca grandes reviravoltas na vida da personagem-protagonista. Dentre elas, a responsabilidade de manter-se, sozinha, como dona de casa e mãe divorciada, o que altera profundamente a dinâmica das relações familiares tradicionais, deslocando sujeitos e padrões hierárquicos nas relações de gênero.

Considerações Finais

Natália Borges Polesso é o tipo de escritora contemporânea que dá vida a seres ficcionais de alta complexidade ao terem suas subjetividades reviradas e apresentadas ao leitor sem máscaras, de forma verossímil, o que os aproxima do indivíduo pós-moderno dotado de identidades multifacetadas e repleto de contradições e questionamentos a respeito de si e do outro.

O conto corpus deste trabalho problematiza os papéis de gênero o tempo todo. Tem-se uma mulher como protagonista o que permite que o sujeito feminino seja elemento central na narrativa, pois as ações e os enredos giram em torno deste. Com isso, a mulher perde a posição de passividade passando a exercer e expressar sua subjetividade integralmente. Tal

protagonista é encarada como elemento discursivo o qual a autora utiliza para denunciar as diversas questões que se referem à desigualdade de gêneros e expressão da sexualidade.

O divórcio, por exemplo, é uma problemática que suscita, na protagonista, transformações e a consequente emancipação desse lugar destinado ao indivíduo feminino que o aprisiona e lhe atribui papéis rígidos e desiguais perante a figura masculina.

Outro ponto discutido é a questão da existência lésbica como expressão máxima da liberdade sexual da mulher. Portanto, a presença de seres ficcionais que enunciam o desejo lésbico na narrativa a caracterizam como transgressora no que tange aos papéis e valores de gênero e sexualidade tradicionais, pois ao dar visibilidade a personagens com esses perfis, em específico, a autora descortina e apresenta ao leitor um universo de experiências que por tanto tempo foi renegado ou deixado a segundo plano fruto de uma sociedade conservadora de ordem predominantemente heterossexual. Tal questão propicia a entrada do conto corpus deste trabalho num lugar de escrita lésbica de autoria feminina, ampliando essa categoria em nossa literatura.

Finalmente, ao enunciar o sujeito feminino e suas subjetividades com tanta clareza, a escrita de Natália Borges Polessa propicia ao leitor entrar em contato com um universo ainda tão pouco explorado por aqueles que caminham pelos terrenos da literatura brasileira. Sua atitude é corajosa e desbravadora ao problematizar tantas questões inerentes ao indivíduo, o que revela um comprometimento e olhar sensível da autora para com a sociedade em que se insere.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. *O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas*. In: *Mulheres e Literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, ano 08, v.1, 2004, p.1-17. Disponível em http://www.litcult.net/revistamulheres_vol8.php?id=79. Acessado em 19 de maio de 2017.

BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. C. A. Medeiros (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.



- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BORDINI, Maria da Glória. *Estudos Culturais e Estudos Literários*. In: KOHLRAUSCH, Regina; SELLÉS, Carmen Luna (Org.). *Letras de hoje*. Porto Alegre: 2006.
- BORDINI, Maria da Glória. *A personagem na perspectiva dos Estudos Culturais*. In: KOHLRAUSCH, Regina; SELLÉS, Carmen Luna (Org.). *Letras de hoje*. Porto Alegre: 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- JODELET, D. (2001). *As Representações Sociais*. L. Ulup (trad.). Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- LOURO, L. Guacira. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma Perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Contos. Porto Alegre/São Paulo: Não Editora, 2015.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas*, n. 5, 2010, p. 17-44.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.